

A DINÂMICA DO ENFRENTAMENTO COM ARMA BRANCA: REFLEXÕES E IMPLICAÇÕES PARA O TREINAMENTO POLICIAL BRASILEIRO

Por Valmor Saraiva Racorti*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Com base na análise crítica de quatro estudos sobre ataques com facas e resposta policial, questiona-se a “regra dos 21 pés” e propõe-se modernizar o treinamento policial brasileiro, enfatizando movimento, antecipação e adaptabilidade para confrontos reais.

Este artigo analisa criticamente quatro estudos empíricos recentes concluídos, nos Estados Unidos, sobre a dinâmica de ataques com facas e a capacidade de resposta policial. Por meio da síntese das conclusões de Kantor, Reiner e Pettitt (2024), Sandel, Martaindale e Blair (2020) e de dois estudos de Kantor, Bleetman, Tenbrink e Garg (2024 e 2025), o trabalho visa desmistificar conceitos arraigados no treinamento policial, como a “regra dos 21 pés” (aproximadamente 6,40 metros), e ressaltar a relevância do movimento tático, da antecipação da ameaça e da adaptabilidade.

As conclusões desses estudos são transpostas para o cenário da segurança pública brasileira, com o intuito de propor a modernização dos currículos de formação e aperfeiçoamento dos policiais militares, focando na realidade de confrontos dinâmicos, de alta letalidade a curta distância e na necessidade de respostas inovadoras.

O artigo argumenta, assim, pela urgência de um treinamento policial que transcenda a estática do estande de tiro, preparando os agentes para os desafios reais e

imprevistos do serviço operacional e fomentando uma cultura organizacional de aprendizado contínuo.

INTRODUÇÃO

O enfrentamento de indivíduos empunhando armas brancas representa um dos cenários mais complexos, rápidos e perigosos da atividade policial. A velocidade surpreendente de um ataque com faca, combinada com a necessidade de uma resposta proporcional, precisa e eficaz, impõe um desafio significativo à tomada de decisão e às habilidades táticas dos agentes em foco.

Historicamente, o treinamento policial tem-se apoiado em conceitos como a “regra dos 21 pés” (aproximadamente 6,40 metros), que sugere uma distância mínima de segurança para que o agente da lei possa sacar e disparar sua arma de fogo antes de ser atingido por um agressor que avança. Contudo, pesquisas científicas recentes têm questionado a universalidade e a eficácia desse paradigma, especialmente em situações de ataques-surpresa, originados a curta distância ou com a ameaça já oculta.

Este artigo propõe-se a analisar criticamente quatro estudos empíricos de destaque na literatura americana, que investigaram a fundo a dinâmica desses confrontos, a capacidade de resposta dos policiais e os fatores que influenciam a velocidade de um ataque com faca. São eles:

1. A avaliação de Kantor, Reiner e Pettitt (2024) sobre movimento tático e o desempenho de saque de arma de fogo durante ataques com faca;
2. O exame científico da “regra dos 21 pés” por Sandel, Martaindale e Blair (2020);
3. O estudo de Kantor, Bleetman, Tenbrink e Garg (2024) sobre os efeitos da idade e do sexo nas características do ataque com faca, sob a ótica da regra dos 21 pés;
4. A investigação de Kantor, Bleetman, Tenbrink e Garg (2025) sobre ataques de faca ocultos a curta distância.

Ao sintetizar os problemas abordados, as metodologias empregadas e os resultados mais relevantes de cada pesquisa, este trabalho busca fornecer uma base de conhecimento atualizada para a polícia brasileira. O objetivo é transcender as barreiras geográficas e culturais, extraíndo lições valiosas que possam informar e aprimorar os programas de treinamento, preparando os policiais para responderem de forma mais segura e eficaz a um espectro cada vez mais complexo de ameaças. As implicações vão desde a revisão de táticas e técnicas de tiro até a necessidade de uma cultura de treinamento contínuo e adaptativo, fundamental para a proteção do agente de segurança e da comunidade em geral.

ESTUDOS SOBRE ATAQUES COM ARMAS BRANCAS E RESPOSTA POLICIAL

A compreensão da cinética de um ataque com faca e da capacidade de resposta do policial é fundamental para o desenvolvimento de táticas e treinamentos realistas. Os

estudos a seguir contribuem significativamente para esta compreensão, cada um com uma perspectiva complementar.

AVALIAÇÃO DO MOVIMENTO TÁTICO E DESEMPENHO DE RETIRADA DE ARMA DE FOGO DURANTE ATAQUES COM FACA (KANTOR, REINER E PETTITT, 2024)

Problema e Metodologia: Este estudo investigou a capacidade de os policiais sacarem e dispararem suas armas antes que um suspeito empunhando uma faca pudesse alcançá-los, explorando os efeitos de diferentes distâncias e estratégias de movimento na capacidade de sobrevivência. Os pesquisadores recrutaram 20 policiais do mesmo departamento, todos com investimento considerável em treinamento de armas de fogo (aproximadamente US\$ 1.000 por ano por oficial). Os participantes estavam equipados com o mesmo coldre de retenção de nível 1 e uma pistola de treinamento carregada com dois cartuchos de marcação. Três táticas de movimento diferentes foram usadas: estacionário, movimento lateral de 90 graus (em direção à mão dominante do policial) e recuo. Quatro distâncias diferentes foram avaliadas: 10 pés (aproximadamente 3,05 metros), 15 pés (aproximadamente 4,57 metros), 21 pés (aproximadamente 6,40 metros) e 30 pés (aproximadamente 9,14 metros).

Os participantes começaram com o agressor na distância mais próxima e receberam aleatoriamente uma ordem para executar as táticas defensivas. O agressor apressava o policial, e o policial tentava sacar e atirar antes que o suspeito o alcançasse com uma faca de borracha. As trocas eram codificadas como “sobreviventes” se o policial fosse capaz de disparar dois tiros antes que o suspeito fizesse contato com a faca.

Resultados Principais: Os resultados demonstraram que a capacidade de sobrevivência do policial aumentou acentuadamente à medida em que a distância entre o suspeito e o policial crescia. Além disso, os movimentos laterais e de recuo produziram resultados significativamente melhores (maiores taxas de sobrevivência) em comparação com a posição estacionária. Surpreendentemente, o estudo indicou que a 21 pés, os policiais foram capazes de disparar dois tiros antes do contato em 95% das tentativas. O tempo médio para esses policiais dispararem dois tiros quando o suspeito estava a 21 pés de distância foi de 1,09 segundos. Isto significa que seus primeiros tiros foram disparados em cerca de 0,85 segundos (considerando um intervalo de 0,24 segundos entre o primeiro e o segundo disparo), um tempo de reação e saque extremamente rápido.

Implicações: Os resultados deste estudo foram notavelmente diferentes de outras pesquisas, incluindo o próprio estudo de Sandel, Martindale e Blair (2020), que veremos a seguir, pois estimou que 32 pés (aproximadamente 9,75 metros) seriam necessários para 95% dos policiais dispararem um único tiro. Essa discrepância pode ser atribuída a vários fatores: a alta habilidade dos policiais neste estudo (indicada pelos tempos rápidos de saque e disparo), o uso de coldres de retenção de nível 1 (que podem permitir um saque mais rápido), o tipo de faca (borracha vs. choque, que pode gerar menos estresse), e, de modo crucial, o fato de que os policiais sabiam que o agressor iria atacá-los. Este último ponto é fundamental: a antecipação do ataque permite tempos de reação muito mais rápidos, alinhados com o desempenho de bons atiradores que, em um estande, reagem a um sinal de cronômetro. Em contraste, um ataque surpresa exige um tempo adicional para reconhecimento antes da resposta.

Apesar das diferenças, o estudo reforça que o movimento (lateralmente ou para longe do suspeito) reduz significativamente as chances de o policial ser esfaqueado. Pois bem, este é um ponto de consenso entre as pesquisas. Isto, no entanto, levanta uma questão crítica: se confrontos reais envolvem movimento, por que o treinamento de tiro frequentemente se limita a posições estacionárias?

EXAME CIENTÍFICO DA REGRA DOS 21 PÉS (SANDEL, MARTAINDALE E BLAIR, 2020)

Problema e Metodologia: Este estudo buscou preencher uma lacuna na literatura revisada por pares ao examinar empiricamente a “regra dos 21 pés”. Esta regra, popularizada por John Tueller na década de 1980, sugeria que 21 pés era a distância necessária para um policial sacar e disparar sua arma antes que um agressor pudesse cobrir tal distância (com base no tempo de 1,5 segundos para sacar/disparar e correr 21 pés). Os autores realizaram uma série de quatro estudos complementares:

1º Testaram a velocidade de corrida de 76 estudantes universitários, confirmando que, em média, levavam 1,5 segundos para correr 21 pés;

2º Examinaram os tempos de saque de 152 policiais, instruindo-os a sacar e disparar uma bala de marcação em uma silhueta humana o mais rápido possível após um sinal luminoso;

3º Fizeram com que 57 policiais sacassem e disparassem contra um suspeito que os atacava com uma faca de choque em um cenário simulado. Os policiais foram informados que estavam respondendo a um distúrbio em um bar, conversavam com o “suspeito” por alguns minutos, e, então, o suspeito puxava a faca e atacava;

4º Examinaram o impacto do movimento do policial ante a capacidade de um suspeito de esfaqueá-lo, com 137 estudantes como suspeitos atacando um policial a 21 pés, e, depois, o mesmo policial realizando um dentre quatro movimentos (recuo, desvio de 90 graus, passo de 45 graus em direção, ou parado).

Resultados Principais:

Tempos de Saque e Disparo: O segundo estudo revelou um tempo médio para os policiais sacarem e dispararem de 1,80 segundos (mediana de 1,73 segundos), com uma variação ampla (1,03 a 3,40 segundos). Apenas 86% dos policiais acertaram o alvo.

Confronto Simulado (Faca de Choque): No terceiro estudo, sete (12%) policiais falharam completamente em sacar e atirar sob o estresse do ataque inesperado. Para os que conseguiram fazê-lo, o tempo médio de reação foi de 1,43 segundos. Apenas 76% dos policiais atingiram o suspeito com sucesso. Mais importante: o estudo concluiu que, para que 95% dos policiais pudessem disparar antes que um suspeito aleatório os alcançasse, seria necessária uma distância de cerca de 32 pés (aproximadamente 9,75 metros). Isso para um único tiro.

Impacto do Movimento: O quarto estudo demonstrou que o movimento do policial reduziu significativamente a capacidade do suspeito de esfaqueá-lo: o sucesso do agressor foi de 33% quando o policial estava parado, 26% com movimento de 45 graus em direção, 8% com recuo e apenas 5% com desvio de 90 graus.

Implicações: Os resultados deste estudo desafiam a validade universal da regra dos 21 pés como uma distância segura, sugerindo que uma distância substancialmente maior é necessária para garantir que a maioria dos policiais possa disparar um único tiro antes do contato. Além disso, a pesquisa destaca que um único tiro de pistola muitas vezes não é suficiente para neutralizar uma ameaça, o que significa que o policial pode estar em risco mesmo a distâncias maiores do que o comumente ensinado. O estudo também sublinha a eficácia do movimento do policial como uma tática de proteção, fazendo com que o suspeito ajuste sua carga e, conseqüentemente, torne-se mais lento.

A falha de 12% dos policiais em sacar suas armas sob estresse no cenário simulado é um indicador crítico de que o treinamento atual pode não ser eficaz o suficiente ou que a prática não é mantida. Isto aponta para uma falha organizacional: esperar que os policiais mantenham habilidades críticas por conta própria não é uma estratégia razoável. Se a habilidade de sacar a arma e responder sob estresse é fundamental para a sobrevivência dos policiais e a segurança dos cidadãos, as lideranças devem garantir que o pessoal receba o treinamento necessário. O policiamento precisa evoluir para uma “cultura de treinamento”, em que o treino seja contínuo e não apenas algumas vezes por ano.

PRINCÍPIO DOS 21 PÉS: EFEITOS DA IDADE E DO SEXO NAS CARACTERÍSTICAS DO ATAQUE COM FACA (KANTOR, BLEETMAN, TENBRINK E GARG, 2024)

Problema e Metodologia: Este estudo buscou explorar se as características de ataques com faca diferiam com base no sexo e na idade do agressor em um ambiente experimental. Pesquisadores recrutaram 74 participantes da comunidade (com idades entre 18 e 65 anos). Eles foram instruídos a atacar um manequim com uma faca de borracha, localizado a 21 pés de distância. O manequim estava de pé e usava um colete de proteção balístico. Os participantes deveriam esconder a faca no corpo (em um local de sua escolha, geralmente a cintura) e iniciar o ataque alguns segundos após um sinal sonoro. Dados coletados incluíam o tempo para cruzar a distância e executar o ataque, o local de ocultação da faca, o tipo de ataque (facada ou corte), o movimento do braço e o local visado no manequim. Foram realizadas perguntas sobre a intenção de alterar o local do ataque se o manequim não estivesse usando o colete de proteção balístico. Os participantes também concluíram um teste de flexão para avaliar sua força.

Resultados Principais: Os participantes levaram em média 2,4 segundos para atravessar os 21 pés e executar o ataque. Conforme esperado, os homens foram mais rápidos que as mulheres e os participantes mais jovens foram mais rápidos que os mais velhos. A maioria das facas foi escondida em torno da cintura. O estudo observou ainda cerca de quatro vezes mais ataques de facada (impulso) do que de corte. A maioria dos ataques foi de mão baixa e o peito foi o local mais comumente visado. Quando as localizações da cabeça, pescoço e ombros foram combinadas, elas representaram o segundo grupo de locais mais atacados. Aproximadamente um terço dos participantes indicou que mudaria o local do ataque para o abdômen ou tórax se o alvo não estivesse usando o colete de proteção balístico.

Uma descoberta crucial foi que, após controlar outras variáveis, a aptidão física (avaliada por um teste de flexão), e não a idade ou o sexo, foi o único preditor

significativo do tempo que os participantes levaram para executar o ataque. Isto significa que, independentemente da idade ou sexo, a capacidade física do agressor é o fator determinante para a agilidade do ataque. Os ataques de ocultação (com a faca escondida) demoraram mais para se desenvolver do que quando a faca já estava visível, o que pode, teoricamente, dar um tempo de reação adicional para o policial.

Implicações: Este estudo confirma que ataques tipo facada são mais prováveis do que cortes e que a aptidão física do agressor é um preditor chave da velocidade. A sugestão de que equipamentos de proteção balístico adicionais na cabeça, ombros e pescoço podem reduzir ferimentos por faca é pertinente, embora sua implementação prática, no uso diário, seja desafiadora devido ao volume de equipamento que os policiais já carregam.

O estudo reitera a extrema dificuldade de defender-se contra facas, mesmo com certa distância. A melhor defesa continua sendo manter a distância e interpor barreiras entre o policial e o suspeito a fim de ganhar tempo para utilizar a arma de fogo. Para situações de proximidade, as defesas com mãos vazias são frequentemente ineficazes em um ataque real (que é rápido, desorganizado e repetidamente encadeado), pois exigem ataques exagerados do agressor ou armadilhas complexas que não ocorreriam na realidade do estresse de um confronto. O treinamento para essas situações deve refletir essa realidade, sendo “feio” e caótico. Uma ideia levantada pelos autores é a de o policial ir para as costas (caindo) e usar os pés para manter o suspeito afastado, enquanto saca e atira. Esta técnica, embora controversa (pela perda de mobilidade e risco de disparo acidental nos próprios pés), demonstra a necessidade de explorar abordagens não convencionais diante da limitação das táticas tradicionais.

ATAQUES DE FACA ESCONDIDA A CURTA DISTÂNCIA: QUANTO TEMPO VOCÊ TEM? (KANTOR, BLEETMAN, TENBRINK E GARG, 2025)

Problema e Metodologia: Complementando o estudo anterior, esta pesquisa focou especificamente em ataques de faca a curta distância (distância conversacional, cerca de oito pés ou 2,44 metros), especialmente aqueles originados de uma posição oculta. Os pesquisadores procuraram entender a rapidez com que esses ataques se desenvolvem e como certas características do atacante, como idade, sexo e tipo de movimento, afetam a velocidade. O estudo envolveu 74 adultos que realizaram três tipos de ataques (impulso, sobrecarga e corte horizontal) com uma faca de borracha em um manequim estacionário, a partir de oito pés de distância. O tempo foi medido desde o primeiro movimento do agressor até o contato com o manequim.

Resultados Principais: Os tempos médios de ataque foram alarmantemente rápidos: 1,43 segundos para ataques de impulso (o mais rápido), 1,55 segundos para ataques horizontais e 1,60 segundos para ataques de sobrecarga. O ataque mais rápido registrado foi o de impressionantes 1,04 segundos (ataque de impulso). Os dados indicaram que homens eram mais rápidos que mulheres em todos os tipos de ataque. As facas geralmente se tornavam visíveis apenas quando estavam a cerca de dois a três pés (aproximadamente 0,61 a 0,91 metros) do alvo, o que significa que o policial tem pouquíssimo tempo para reagir após a percepção visual da ameaça.

Implicações: A principal conclusão é drástica: policiais podem ter menos de 1,1 segundos para reconhecer e responder a um ataque de faca oculto a 8 pés, um tempo que é consistentemente menor do que o necessário para um policial médio sacar e disparar uma arma de fogo de forma eficaz. O tempo de reação é de cerca de 0,15

segundos para começar a se mover, e uma resposta de sobressalto pode levar de 0,4 a 0,8 segundos adicionais. Os tempos para sacar e disparar uma arma variam de 0,87 a 2,05 segundos. Isso significa que a maioria dos policiais provavelmente seria esfaqueada antes de conseguir sacar sua arma de fogo e atirar. Uma abordagem padrão de saque e disparo provavelmente não funcionará nesses cenários.

As implicações para o treinamento são claras: ele precisa concentrar-se em movimentos rápidos, tomada de decisão tática sob pressão e ações defensivas/ofensivas que realmente se encaixem nesses prazos compactados, especialmente contra ataques de impulso, que foram consistentemente mais rápidos. Embora os homens representem uma ameaça maior com base no tempo, o estudo enfatiza que qualquer pessoa (homem ou mulher, jovem ou idoso) pode desferir um golpe letal antes que uma resposta padrão de arma de fogo possa ser executada. Isso reforça a necessidade de ir além da tradicional regra dos 21 pés e de dar aos policiais treinamento contra ataques realistas, próximos e espontâneos. A velocidade advinda da repetição mecânica em treinamento estático é sedutora, mas este e outros estudos demonstram que a velocidade por si só não pode salvar o policial. O que funciona é a consciência, o posicionamento e a adaptabilidade.

IMPLICAÇÕES PARA O TREINAMENTO POLICIAL NO BRASIL

A síntese desses quatro estudos americanos oferece *insights* cruciais que devem moldar a evolução e a modernização do treinamento policial no Brasil. A premissa de que a “regra dos 21 pés” garante segurança é, na melhor das hipóteses, otimista e, na pior, perigosamente enganosa em muitas situações reais de confronto com armas brancas.

REVISÃO DA “REGRA DOS 21 PÉS” E A REALIDADE DO TEMPO DE REAÇÃO

Os estudos de Sandel *et al.* (2020) e Kantor *et al.* (2025) evidenciam a fragilidade da “regra dos 21 pés” como um princípio de segurança absoluto. Enquanto Kantor, Reiner e Pettitt (2024) mostraram que 21 pés poderiam ser suficientes em cenários onde o policial antecipa o ataque e possui um tempo de saque e disparo excepcionalmente rápido, a realidade operacional é muitas vezes diferente. Sandel *et al.* (2020) sugerem que 32 pés (cerca de 9,75 metros) podem ser necessários para 95% dos policiais conseguirem efetuar um único disparo antes do contato em um cenário mais realista de surpresa. Mais alarmante ainda, Kantor *et al.* (2025) demonstram que ataques a oito pés (2,44 metros) podem ser concluídos em menos de 1,1 segundos, um tempo consistentemente inferior à maioria dos tempos de saque e disparo dos policiais.

Isso significa que, em muitos cenários de confronto com arma branca, especialmente em ataques surpresa ou ocultos a curta distância, o policial provavelmente será atingido antes de conseguir efetuar um disparo eficaz. Para a polícia brasileira, isso reforça a necessidade de:

1. Educação Aprofundada sobre a Realidade dos Tempos de Reação: É crucial que os policiais compreendam que o tempo de reação humano e o tempo de saque da arma são limitadores críticos e que a dependência exclusiva da “regra dos 21 pés” pode levar a uma falsa sensação de segurança. A diferença entre o tempo de reação a um

estímulo conhecido (como em um estande de tiro) e o tempo de reconhecimento-resposta a um ataque inesperado (que inclui processamento cognitivo da ameaça) deve ser exaustivamente abordada.

2. Priorização da Percepção e Antecipação Tática: O treinamento deve focar na leitura de sinais pré-ataque, na manutenção de distâncias de segurança maiores (sempre que possível), na consciência situacional constante e na identificação precoce de ameaças para mitigar o elemento surpresa.

MOVIMENTO TÁTICO COMO IMPERATIVO DE SOBREVIVÊNCIA E A CRÍTICA AO TREINAMENTO ESTACIONÁRIO

Todos os estudos convergiram em um ponto essencial: o movimento do policial aumenta significativamente suas chances de sobrevivência. Seja recuando, movendo-se lateralmente ou desviando da linha de ataque, a alteração da trajetória do agressor proporciona tempo e desorganiza o ataque, reduzindo a probabilidade de um golpe bem-sucedido. Sandel *et al.* (2020) mostraram que o sucesso de um ataque de faca pode ser reduzido de 33% (com o policial parado) para apenas 5% (com o policial se desviando).

Apesar desta evidência irrefutável, a prática comum nos estandes de tiro e em muitos treinamentos ainda prioriza o disparo em posições estáticas. As implicações para o Brasil são claras:

1. Treinamento Dinâmico no Estande de Tiro: Os programas de treinamento devem incorporar o movimento tático como parte integrante das sessões de tiro. Isso inclui simulações de recuo, deslocamentos laterais, giros, e tiros em movimento (mobilidade funcional), mesmo que tudo isso demande mais tempo e recursos por aluno. As preocupações com a segurança no estande devem ser gerenciadas por meio de protocolos rigorosos, mas não devem impedir a prática dessas habilidades vitais.

2. Cenários Realistas com Movimento: O treinamento prático há de incluir cenários de confronto simulado nos quais o movimento tático não é apenas permitido, mas encorajado, avaliado e integrado como um componente vital da resposta defensiva e ofensiva. Isso prepara o policial para o caos e a imprevisibilidade do confronto real.

ENFRENTANDO A REALIDADE DA DISTÂNCIA ZERO E ATAQUES OCULTOS: NECESSIDADE DE NOVAS SOLUÇÕES

As descobertas de Kantor *et al.* (2025) sobre a letalidade de ataques ocultos a oito pés são particularmente impactantes. A ideia de que um agressor pode estar a poucos metros, ocultar uma faca e desferir um golpe fatal em pouco mais de um segundo sublinha a urgência de táticas específicas para o combate a curta distância, no qual a resposta reativa de sacar e atirar é quase sempre inviável. Para a polícia brasileira, isto implica:

1. Foco em Táticas de Combate a Curta Distância e Desarme: É essencial que o treinamento contemple técnicas de combate corpo a corpo e desarme de faca que sejam aplicáveis em ambientes de proximidade extrema e sob estresse. Isso deve incluir a manipulação do agressor para proteger-se, a intervenção na linha de ataque (ex.: controle da mão com a faca), e a busca por um engajamento seguro que permita a transição para o uso de outros recursos ou a imobilização.

2. Treinamento para Reações Imediatas Não-Armadas: Dado o tempo de resposta mínimo, os policiais precisam desenvolver reflexos e respostas instintivas que priorizem a defesa da própria vida antes mesmo do saque da arma. Isto inclui o uso de mãos livres para bloqueio/desvio, técnicas de controle de distância (como chutes), ou a criação de barreiras físicas imediatas.

3. Aptidão Física do Agressor: O estudo de Kantor *et al.* (2024) destacou que a aptidão física do agressor é um preditor mais relevante da velocidade do ataque do que a idade ou o sexo. Isso reforça a imprevisibilidade de tais confrontos e a necessidade de que os policiais estejam preparados para enfrentar ameaças de alta velocidade, independentemente do perfil demográfico aparente do agressor.

4. Exploração de Novas Abordagens para Proximidade Extrema: A sugestão de que o policial possa “cair de costas e manter os pés entre ele e o suspeito” ao mesmo tempo em que saca e atira é uma ideia não convencional, mas que reflete a busca por soluções inovadoras para cenários de proximidade extrema nos quais o saque tradicional falharia. Tais abordagens, mesmo que controversas, devem ser objeto de exploração e teste em ambientes de treinamento seguros, para verificar sua aplicabilidade e eficácia no contexto brasileiro. Isto demonstra a importância de uma mentalidade aberta e adaptativa no treinamento, disposta a questionar paradigmas antigos em busca de maior segurança e eficácia.

IMPORTÂNCIA DA CULTURA DE TREINAMENTO CONTÍNUO E DA QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

O estudo de Sandel *et al.* (2020) revelou que 12% dos policiais falharam completamente em sacar suas armas sob estresse. Este dado é alarmante e sublinha a necessidade de treinamento contínuo e de alta qualidade que transcenda a mera frequência anual ou as exigências mínimas. Para as polícias no Brasil, isso implica:

1. Cultura de Treinamento Constante e Organizado: O treinamento não deve ser visto como um evento pontual, mas como um processo contínuo e integrado à rotina operacional. As instituições devem implementar programas de manutenção de proficiência que garantam que as habilidades críticas sejam praticadas regularmente e sob condições de estresse simulado.

2. Treinamento Baseado em Desempenho Sob Estresse: As avaliações de desempenho devem simular o estresse real do confronto, identificando não apenas a capacidade de executar uma técnica, mas também a capacidade de performar sob pressão. Isto permite identificar policiais que necessitam de treinamento adicional em habilidades críticas.

3. Responsabilidade Institucional: A manutenção de habilidades críticas é uma responsabilidade organizacional, não apenas individual. A instituição deve prover os recursos, o tempo e o ambiente necessários para que os policiais mantenham suas competências em alta, reconhecendo que a negligência neste aspecto pode ter consequências letais.

ABORDAGENS ADAPTATIVAS PARA O TREINAMENTO: FILOSOFIA DA DINÂMICA ECOLÓGICA

A filosofia de “Ecological Dynamics” (EcoD) oferece um modelo promissor para o treinamento policial, como sugerido por Kantor *et al.* (2025). Em vez de focar apenas em técnicas rígidas a serem memorizadas e replicadas mecanicamente, a abordagem EcoD enfatiza a capacidade do *trainee* de explorar o problema e desenvolver soluções adaptativas em cenários que refletem a complexidade e a variabilidade da realidade. Isto significa:

1. Treinamento Focado em Problemas e Não Apenas em Técnicas: Os policiais devem ser expostos a cenários complexos onde a solução “certa” não é óbvia, forçando-os a pensar criticamente, improvisar e adaptar-se. O objetivo é criar “solucionadores de problemas adaptáveis a circunstâncias imprevisíveis”.

2. O Instrutor como Guia, Não Apenas como Transmissor de Informação: O papel do instrutor passa a ser o de criar ambientes de aprendizado desafiadores, guiar os alunos em suas próprias descobertas de soluções eficazes e estimular a reflexão sobre o que funcionou e o porquê saiu conforme o esperado.

3. Ênfase na Consciência Situacional, Posicionamento e Adaptabilidade: A velocidade pura, advinda de repetições mecânicas, não é suficiente para a sobrevivência em um confronto dinâmico. A capacidade de perceber o ataque em seu estágio inicial, posicionar-se adequadamente para ganhar tempo e espaço, e adaptar a resposta às mutáveis condições da situação em foco é o que realmente funciona em confrontos dinâmicos. O treinamento deve replicar a “luta real” tanto quanto a segurança permite, expondo os alunos a situações “feias” e caóticas para construir resiliência e adaptabilidade.

CONCLUSÃO

Os quatro estudos americanos aqui analisados fornecem uma base empírica robusta e urgente para repensar e modernizar o treinamento policial, especialmente no que tange ao enfrentamento de ataques com armas brancas. Demonstram que a “regra dos 21 pés”, embora historicamente relevante, não pode ser considerada uma garantia de segurança em todos os cenários possíveis e imprevisíveis, particularmente diante da velocidade assombrosa de ataques ocultos e a curta distância, e da influência da aptidão física do agressor. A realidade do confronto exige mais do que a simples habilidade de sacar a arma de fogo e atirar rapidamente.

Para a polícia brasileira, a principal lição é a necessidade de transitar de um modelo de treinamento predominantemente estático e baseado em regras fixas para um modelo mais dinâmico, adaptativo e focado na realidade complexa e imprevisível do confronto. Isto implica em:

1. Aprofundar a compreensão sobre os tempos de reação e a letalidade real dos ataques com faca, considerando as variações demográficas e de aptidão física dos agressores, e educando os policiais sobre os limites do tempo de resposta humano;

2. Integrar o movimento tático (recuo, lateralização, desvio) como um componente essencial das táticas defensivas, com treinamento intensivo em cenários realistas que simulem o estresse do confronto;

3. Desenvolver e praticar técnicas de combate a curta distância e desarme, considerando ataques de proximidade e surpresa, explorando e validando abordagens não convencionais que possam ser eficazes quando o saque da arma de fogo for inviável;

4. Promover uma cultura de treinamento contínuo, com avaliações de desempenho sob estresse, e integrar metodologias adaptativas, como a Dinâmica Ecológica (EcoD), para desenvolver policiais resilientes, adaptáveis e capazes de solucionar problemas de forma eficiente;

5. Reforçar a responsabilidade institucional na garantia da proficiência e segurança dos agentes, provendo os recursos e o ambiente para um treinamento de excelência.

Investir na formação e no aperfeiçoamento dos policiais com base em evidências científicas não é apenas uma questão de eficácia operacional, mas um imperativo para a segurança dos próprios agentes e da comunidade como um todo. A vida, tanto do policial quanto do cidadão, depende da capacidade de responder a cenários de alto risco com táticas fundamentadas na ciência e na realidade. Ora, isto só é possível através de um compromisso contínuo com a inovação e o aprimoramento do treinamento policial.

REFERÊNCIAS

KANTOR, M. A.; BLEETMAN, A.; TENBRINK, J.; e GARG, H. (2024). *The 21-foot principle: Effects of age and sex on knife attack characteristics*. Journal of Forensic and Legal Medicine, 101, janeiro de 2024 102637. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1752928X23001555>.

KANTOR, M. A.; BLEETMAN, A.; TENBRINK, J.; e GARG, H. (2025). *Close-quarter concealed knife attacks: How much time do you have?* The Police Journal, 6 de maio de 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0032258X251340171>.

KANTOR, M. A.; REINER, S.; e PETTITT, R. W. (2024). *Evaluation of Tactical Movement and Firearm Draw Performance During Charging Knife Attacks*. Police Practice and Research, 25(1), 101-109. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15614263.2023.2222872>.

SANDEL, W. L.; MARTAINDALE, M. H.; e BLAIR, J. P. (2020). *A scientific examination of the 21-foot rule*. Police Practice and Research. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15614263.2020.1772785>.

***Valmor Saraiva Racorti** é coronel da PMESP e instrutor pela Universidade do Texas/Programa ALERRT. Comandou o Batalhão de Operações Especiais, que compreende o GATE e o COE. Realizou o Curso Preparatório de Formação de Oficiais em 1990-1991. Graduado em Direito pela UNISUL, é bacharel, mestre e doutor em Ciências Policiais de Segurança e Ordem Pública pelo Centro de Altos Estudos de Segurança "Cel PM Nelson Freire Terra". Foi comandante de Pelotão ROTA no 1º BPChq de 1994 a 2006, Chefe Operações do COPOM em 2006, Oficial de Segurança e Ajudante de Ordens do Governador do Estado de 2007 a 2014, Comandante de Companhia ROTA no 1º BPChq de 2014 a 2016 e Comandante do GATE de 2016 a 2019. Já atuou em mais de 500 incidentes críticos. Atualmente, é comandante dos Batalhões de Choque da PMESP.
